**HISTÓRIAS QUE NÃO SÃO CONTADAS: A EXCLUSÃO DA COMUNIDADE LGBTQIAP+ NO CURRÍCULO ESCOLAR**

Daniela Cavalcanti de Santana[[1]](#footnote-0)

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Resumo**

Este trabalho aborda a lacuna na inclusão de diversidade de gênero e sexualidade no currículo escolar, com foco na análise dos impactos no ambiente educacional, apoiado nas contribuições do pedagogo Alexandre Bortolini. Exploramos também a relevância de incentivar debates abertos sobre o tema, com o suporte de materiais pedagógicos, destacando especialmente a Literatura LGBTQIAP+. Dessa forma, buscamos elucidar possíveis abordagens para promover ambientes de aprendizagem mais seguros e inclusivos.

**Palavras-chave:** educação, currículo, gênero, sexualidade.

**Introdução**

Em 2023, o Brasil permaneceu sendo o país com o maior número de homicídios e suicídios da população LGBTQIAP+. O dado coletado pelo Grupo Gay da Bahia (2024) expõe as implicações geradas pela cis-heteronormatividade[[2]](#footnote-1), que utiliza-se das múltiplas expressões sexuais e da diversidade de gênero para fins discriminatórios. Em decorrência a isso, torna-se necessário incitar discussões sobre a exclusão dos corpos que não correspondem ao padrão generificado e heterossexual nas diferentes esferas sociais.

Neste texto, a análise se concentra na esfera educacional, tratando principalmente das consequências observadas no ambiente escolar diante da escassez de materiais que abordem a diversidade nas propostas curriculares e pedagógicas. Concomitantemente, discutimos a importância de estimular este debate em sala de aula, propondo o uso da Literatura LGBTQIAP+ por meio dos livros infantojuvenis “Olívia tem dois papais”, de Márcia Leite, e "Joana Princesa", de Janaína Leslão.

**O projeto Escola Sem Homofobia: Uma breve visão contextual**

A organização política de grupos engajados com as temáticas de gênero e sexualidade tem se desenvolvido no Brasil desde o final da década de 70. A partir do período de redemocratização, a luta dessa população, atualmente nomeada LGBTQIAP+, obteve conquistas de direitos civis, políticos e sociais.

Sob tal contexto, em 2004, o Governo Federal implementou o programa Brasil Sem Homofobia (BSH), concebido para garantir a “cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas” (CONSELHO..., 2004, p. 11). No âmbito educacional, a ação V – “Direito à Educação: promovendo valores de respeito à paz e à não discriminação por orientação sexual”, formentava o desenvolvimento de diretrizes para o debate de orientação sexual e combate da homofobia nas escolas.

Posteriormente, em 2009, o Brasil Sem Homofobia deu origem ao projeto Escola Sem Homofobia, financiado pelo Ministério da Educação. A iniciativa reunia orientações voltadas para gestores e professores com o intuito de “alterar concepções didáticas, pedagógicas e curriculares, rotinas escolares e formas de convívio social que funcionam para manter dispositivos pedagógicos de gênero e sexualidade que alimentam a homofobia". (CADERNO..., 2009, p. 11). Entretanto, a agenda política de combate à discriminação enfrentada pela comunidade LGBTQIAP+ foi alvo de ataques e discursos conservadores, o que resultou na desarticulação das propostas do Brasil Sem Homofobia e no veto ao projeto Escola Sem Homofobia[[3]](#footnote-2), cujo material ficou pejorativamente conhecido como "kit gay".

A perseguição às políticas que buscavam a promoção de espaços escolares mais seguros no que diz respeito ao acolhimento da diversidade, evidencia o forte viés conservador presente na formulação de orientações para os espaços escolares. Tal ato representa um retrocesso significativo para a educação.

**A exclusão da comunidade LGBTQIAP+ na educação e os seus impactos**

A manifestação do conservadorismo nas escolas se evidencia através da censura de materiais que visam promover discussões sobre gênero e sexualidade, sob a justificativa de que abordar tais questões pode ser considerado ameaça à “família tradicional”. Essa postura reforça a ocultação das vivências e produções intelectuais de sujeitos LGBTQIAP+ no currículo escolar, como se não fizessem parte da sociedade. Alexandre Bortolini alerta sobre essa situação:

A cis-heteronorma, a masculinidade, a branquitude se impõem como estruturantes do currículo e se naturalizam pelo silenciamento de qualquer outro ponto de vista distinto daquele que lhes reitere. Um currículo que expulsa, apaga, invisibiliza modos de vida que não aqueles que a sociedade pretende reproduzir. Um currículo empobrecido, estruturado a partir de um conjunto muito pequeno de experiências e perspectivas, que nega a diversidade da sua própria comunidade escolar e assim acaba por reiterar assimetrias, desigualdades e exclusões. (BORTOLINI, 2023, p. 93).

Tal realidade afeta diretamente a relação entre os estudantes e o ambiente escolar. Ao ignorar a presença da população LGBTQIAP+ nos contextos educacionais, torna-se mais provável a ocorrência de eventos discriminatórios, o que pode afetar o psicológico dos alunos e levá-los à perda de motivação para continuar os estudos. Levantamentos divulgados em 2016, pela Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil, apresentam relatos de experiências discriminatórias na escola envolvendo alunos de diferentes regiões do país.

Tive que mudar de colégio quase no final do ano letivo devido aos comentários inapropriados[...] Seria legal esses cuidadores de escolas ou quaisquer sejam as instituições, debaterem sobre o tema e ter uma visão mais vasta diante da nossa sociedade [...] (depoimento de uma estudante lésbica, 17 anos, estado de Sergipe).

Sofri segregação de professores e estudantes da instituição, bem como fui motivo de chacota durante todo o ensino fundamental e médio por gostar de dançar, ser muito feminina e apanhei muito em casa por isso, além de meu padrasto ter me colocado para trabalhar em duas oficinas mecânicas ainda na adolescência “para ver se eu tomava jeito de homem. (depoimento de uma estudante trans, 17 anos, estado da Bahia).

Em diálogo com Alexandre Bortolini, alertamos ainda que os eventos discriminatórios tendem a ocorrer de forma interseccional, ou seja, não partem de casos aleatórios:

Esse processo de construção social não acontece isolado, mas se dá em intersecção com uma série de outras dinâmicas sociais, como as relações étnico-raciais e de classe. Ser uma mulher negra ou branca - ou um homem preto ou branco - faz diferença em uma sociedade ainda estruturalmente marcada pelo racismo. Assim como estar em uma classe privilegiada economicamente ou vivendo os desafios cotidianos da pobreza. (BORTOLINI, 2023, p. 56-57).

Diante desses acontecimentos, torna-se imprescindível pensar em um currículo escolar e práticas pedagógicas alinhados de forma integrada com o objetivo de promover um ambiente seguro para toda a comunidade escolar.

**É possível abordar diversidade de gênero e de sexualidade na educação?**

A escola não é apenas um local onde os professores transmitem conteúdos de forma neutra, nem apenas um espaço onde os estudantes aprendem conteúdos e fazem provas para passar de ano. Idealizar o espaço educacional dessa maneira significa desconsiderar sua potência transformadora.

Concordamos com a pensadora bell hooks ao declarar que “a sala de aula, com todas as suas limitações, continua sendo um ambiente de possibilidades.” (HOOKS, 2017, p. 273). Este espaço é repleto de oportunidades para se ter o contato com novas perspectivas e experiências. Em seu interior, não apenas pode, mas deve haver a prática de trabalhar e valorizar as diferenças que os sujeitos carregam consigo.

Nessa concepção, torna-se necessário a escola assumir um compromisso em torno da diversidade de gênero e sexualidade. Para tal propósito, é possível encontrar uma ampla variedade de materiais que abordam a temática e possibilitam seu trabalho. Dentre eles, destacam-se os livros infantojuvenis, que assumem o compromisso de dialogar com a diversidade e as diferenças humanas, de forma lúdica e sensível.

Para nos auxiliar na reflexão sobre as abordagens da temática em sala de aula, apresentamos o livro "Olívia tem dois papais", de Márcia Leite, que trata principalmente das relações familiares. A história nos convida a refletir sobre o conceito tradicional de núcleo familiar, demonstrando que este pode ser composto por dois pais que cozinham, brincam de boneca e cuidam da filha.

Figura 1 - Livro: Olívia tem dois papais



Fonte: LEITE, 2010.

O livro "Joana Princesa", de Janaína Leslão, é mais uma obra que nos auxilia no trabalho com a diversidade, contando a história de uma princesa que não se identifica com as expectativas tradicionais de gênero e deseja viver livre desta situação. A narrativa trata de temas como o respeito e a desconstrução de estereótipos de identidade de gênero, fornecendo uma mensagem inclusiva para crianças e jovens.

 Figura 2 - Livro: Joana Princesa



Fonte: LESLÃO, 2016.

Pontuamos que estas são apenas breves apresentações de dois entre muitos livros que auxiliam no trabalho dessas temáticas. No entanto, a produção da literatura LGBTQIAP+ e outras formas de contribuições não se esgotam aqui. A tentativa era ilustrar que, sim, é possível falar de gênero e sexualidade na educação, e essa reflexão tão rica contribui para a construção de identificação e subjetividades.

**Considerações finais**

Tendo em vista a vasta diversidade presente no ambiente escolar, compreendemos a urgência de abordar questões de gênero e sexualidade em sala de aula. Outras formas de organizações familiares existem; estudantes LGBTQIAP+ existem; intelectuais LGBTQIAP+ existem, e isso deve ser incorporado ao currículo. A exclusão dessas narrativas resulta em uma série de efeitos negativos, impactando a autoestima, a saúde mental e o interesse dos alunos nos estudos.

Portanto, reforçamos que os espaços escolares devem se empenhar na criação de propostas que visem construir escolas seguras para receber todos os sujeitos. Nesse ambiente, não há espaço para a perpetuação de eventos discriminatórios; pelo contrário, deve-se promover interações respeitosas com a diversidade e a diferença humana em sua total complexidade.

**Referências Bibliográficas**

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

BORTOLINI, Alexandre**. É pra falar de Gênero Sim: Fundamentos legais e científicos da abordagem de questões de gênero na educação.** [s.n.] Brasília, 2023.

CADERNO escola sem homofobia. Brasília, DF: MEC, 2009. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/bGjtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuQd3TMGj2hHeySJ6cuAr5ggvfw/escola-sem-homofobia-mec.pdf> . Acesso em: 03 abr. 2024

CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília : Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/brasil-sem-homofobia> . Acesso em: 03 abr. 2024

Grupo Gay da Bahia - GGB. 2023: de mortes violentas LGBT+ no Brasil [online]. 19 jan. 2024. Disponível em:<https://cedoc.grupodignidade.org.br/2024/01/19/2023-de-mortes-violentas-lgbt-no-brasil-ggb/>. Acesso em: 27 mar. 2024.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

LEITE, Márcia. **Olívia tem dois papais**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2010.

LESLÃO, Janaína. **Joana Princesa**. Metanoia Editora, 2016.

1. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Bolsista de Iniciação Científica pelo projeto “Demandas sobre desempenho docente produzindo políticas de currículo para a Iberoamérica” (UERJ). [↑](#footnote-ref-0)
2. Refere-se a concepção de uma sociedade em que se presume como norma que todos os corpos naturalmente se desenvolvam como cisgêneros e heterossexuais. [↑](#footnote-ref-1)
3. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/dilma-rousseff-manda-suspender-kit-anti-homofobia-diz-ministro.html> . Acesso em: 10 de abr. de 2024. [↑](#footnote-ref-2)